

# As músicas afro-lusófonas à conquista do mundo

*Ariel de Bigault*

FESTIVAL DA PRAIA DA GAMBOA (CIDADE DA PRAIA, Ilha de Santiago, Cabo Verde) Fevereiro de 1990: Zeca di Nha Reinalda canta *Si Manera*, um funana moderno, de ritmo bem marcado, muito característico do grupo Finaçon. A letra (*Deixa Cabo Verde cantar à sua maneira*) faz referência à actualidade. O Primeiro-Ministro Pedro Pires anunciou o multipartismo e as eleições. No palco sucedem-se Os Tubarões e outros grupos. No meio da multidão encontra-se Gilbert Castro, francês, dono da Mélodie, que desde 1980 editou Manu Dibango, Touré Kunda, Ray Lema, Salif Keita, Mory Kanté e muitos outros. A projecção dos artistas africanos a partir de Paris desencadeou o movimento cultural e comercial das «músicas do mundo». Foi nesse dia, na praia da Gamboa, que começou o que viria a ser uma das mais belas histórias desta chamada *world music*: o sucesso da Cesária e a difusão no mundo inteiro das músicas de um arquipélago pobre e desconhecido. Muita gente ganhou com isso: gravadoras e empresários, claro, mas também alguns artistas, Cabo Verde, e a Lusofonia.

Lembro-me da conversa com Gilbert Castro: «*As músicas de Cabo Verde são desconhecidas. E têm tudo para dar certo. Pode demorar um pouco, mas não-de conquistar o mundo. Depois serão a música popular portuguesa, mal conhecida, e as músicas de Angola*».

Nesse ano de 1990 quais eram os trunfos das músicas de Cabo Verde? Em primeiro lugar, a sua vertente mestiça: melodias em tom menor sustentadas por um balanço suave e cadenciado, danças sensuais, nascidas de uma mestiçagem única, no seio do Império Português, entre África, Europa e Américas. Harmonias e instrumentações vêm do Brasil e de Portugal. A longínqua origem africana tem sido revitalizada por influências de Angola e São Tomé. A grande diversidade de géneros (morna, coladeira, funana, e também toada, kola san jon, choradinhos, mazurka e muitos outros) é reflexo desta

Os Tubarões.  
Fotografia cedida por EMI Valentim de Carvalho.



história intercontinental assim como da geografia do arquipélago. As características de cada uma das nove ilhas habitadas compõem o retrato multifacetado de uma identidade forte, coesa, forjada desde há mais de um século, e cimentada pelo crioulo. O povo cabo-verdiano, muito orgulhoso da sua cultura, é quem sustenta a vitalidade e a constante renovação musical. Nas ilhas, apesar da muito frágil situação económica, nas comunidades de emigração, apesar da distância. Para todos, a música cabo-verdiana é de consumo prioritário em casa, nos bares, restaurantes, festas, discotecas. A maior parte da produção de discos é comprada pelos cabo-verdianos. As comunidades dispersas pelo mundo são pilares fundamentais, nomeadamente pela sua importância numérica, que corresponde

mais ou menos ao dobro da população do arquipélago. Nos Estados Unidos e na Europa, e sobretudo em Portugal, são comunidades senão coesas pelo menos organizadas, e minimamente remediadas.

Neste início da década de 90 muitos são os artistas, intérpretes, compositores, autores de grande qualidade. No arquipélago, Tubarões, Finaçon, Bulimundo são então os líderes da música de Santiago. Luis Morais e Chico Serra mantêm a tradição mindelense. Em Lisboa, o Bana é o rei da música cabo-verdiana, pela voz e interpretação sem igual, e também pela produção de discos e espectáculos. Mantém uma banda que toca regularmente no Baile (hoje B'Leza) onde se destacam os talentos de Paulino Vieira, Tito Paris, Leonel Almeida. Titina e Celina

Pereira são as vozes femininas incontornáveis. DanySilva, bastante apreciado pelo público português, é, como Os Tubarões, editado por EMI Valentim de Carvalho. Mas a quase totalidade dos discos são financiados e produzidos pelos próprios artistas e editadas por pequenas empresas cabo-verdianas.

A Mélodie lançou-se na divulgação da singularidade musical do arquipélago, correndo alguns riscos, investindo na produção, na distribuição e na promoção. Apoiou Cabo Verde Show e outros artistas de José da Silva, mas sobretudo Cesária (cujo primeiro disco tinha sido distribuído por Buda Musique) e Finaçon, na altura o único grupo profissional em Cabo Verde. *Si Manera e Feia*, dois títulos do seu CD, *Funana*, tiveram produção musical muito cuidada de Ray Lema. Gilbert Castro procurou suscitar o interesse do *show business* mas este não prestou atenção nem ao Finaçon, nem à Cesária, considerando ambos como demasiado marcados pelas suas raízes. O director da Sony, Henri de Bodinat, recusou a Cesária mas aceitou o Finaçon, com a vaga ideia de que o funana podia dar uma nova lambada. Daí incoerências e erros que foram fatais para o Finaçon.

A barreira oposta pela indústria fonográfica e mediática foi vencida porque pacientemente contornada por diversos meios. Foi determinante a promoção directa e persistente junto de alguns medias. Foram importantes as viagens de jornalistas a Cabo Verde e de artistas a Paris, com o apoio das entidades cabo-verdianas. Conseguiu-se captar a atenção de um punhado de especialistas e apaixonados de *world music*. Não ficaram convencidos pelo CD *Distino di Belita*, produzido por Ramiro Mendes, mas foram seduzidos pela voz de Cesária. Alguns pressentiram a excepção. A tenacidade de José da Silva, *manager* e produtor de Cesária, foi constantemente sustentada por Gilbert Castro, apesar do fraco retorno comercial. O público dos concertos e os

compradores dos discos continuavam a ser a 80% cabo-verdianos.

A grande viragem foi o CD *Mar Azul* produzido por Paulino Vieira. Foi ele quem definiu a concepção musical (repertório, instrumentação, sonoridade) que iria permitir o sucesso mundial da Cesária. A partir daí, tudo se acelerou. Foram festivais (Angoulême), concertos, nomeadamente no Théâtre de La Ville em Paris. A máquina mediática, habilmente pilotada por François Post, responsável pela promoção na Mélodie, permitiu chegar ao disco de Ouro (100.000 exemplares vendidos em França) de *Miss Perfumado*, também produzido por Paulino Vieira. Cesária partiu então à conquista do mundo. O carácter excepcional do fenómeno ocultou durante um tempo a diversidade musical cabo-verdiana e a pluralidade de artistas de grande talento. Mas teve um reflexo muito positivo: encorajou músicos e algumas editoras a apostar na autenticidade do génio cabo-verdiano: composições de qualidade, instrumentação elaborada, produção cuidada, interpretação sensível.

O público português aderiu a Cesária e hoje se interessa muito mais pela música cabo-verdiana, como testemunham os sucessos de Tito Paris e Ildo Lobo. Mas as grandes editoras nacionais e as filiais portuguesas das multinacionais não têm mostrado muito interesse nem empenho. Celina Pereira foi editada por Sonovox, Bana por Vidisco, Leonel Almeida por Zé Orlando. Com excepção de Ana Firmino (Valentim de Carvalho), os talentos que se afirmaram nos últimos anos gravaram com pequenas etiquetas independentes ou com editoras estrangeiras. Afrika Produções de José Serra, também responsável pela organização de muitos concertos africanos em Portugal, produz os discos da Lura, Maria Alice e Armando Tito. Tito Paris, Bau, Teófilo Chantre estão na Lusáfrica de José da Silva (Paris) e Herminia, Vasco Martins, Simen-

Tito Paris. Fotografia cedida por Praça das Flores  
Produção de Espectáculos.

tera na *Mélie*. Enquanto Cesária continua a correr o mundo e a ser alvo de homenagens, as músicas de Cabo Verde vão conquistando um espaço, e alguns artistas vêem reconhecidos internacionalmente os seus talentos. Não há hipótese de clonagem do sucesso da Cesária. Mas há intérpretes cuja qualidade e versatilidade não foram projectadas. A criatividade dos compositores (Manuel d'Novas, Daniel Spencer, Tito Paris, Paulino Vieira e outros), o profissionalismo e a virtuosidade adquiridos pelos músicos (Toy Vieira, Quim Alves e outros...), garantem que o encanto e o poder de sedução das melodias estão longe de ser esgotados.



As músicas de Angola encontram-se numa situação de extrema fragilidade, se comparada com as de Cabo Verde. A guerra, a destruição e o saque ameaçam a riqueza cultural e musical. Há meio século, os compositores e intérpretes angolanos estiveram entre os pioneiros das músicas urbanas na África. Conjugaram influências das Américas e da Europa com as suas raízes. Durante várias décadas, a sua intensa criatividade produziu um amplo leque de géneros e estilos, uma extrema virtuosidade nomeadamente nas violas, uma expressividade ímpar no canto, uma pluralidade de composições lindíssimas.

A capital de Angola devastada é uma ilha onde sobrevive mais de um terço da população do país. Hoje ainda mais do que no passado, Luanda é o único centro da actividade musical. O recomeço da guerra agravou a já muito tensa situação económica e social. O espaço cultural ficou ainda mais reduzido. Os espectáculos são poucos, a venda de CDs e cassetes quase insignificante. Os artistas já não podem contar com o apoio do Ministério da Cultura que em Fevereiro deste ano foi integrado no da Educação, nem com os patrocínios das empresas. A FESA, Fundação do Presidente José Eduardo dos Santos, financiada por fontes de diversas origens, atribui ajudas a uns músicos. A maior parte deles já não consegue viver da sua arte, para além de que todos sofrem diversas pressões ligadas à tensão político-militar. Mas as músicas populares de Angola que, mesmo nos tempos mais negros do colonialismo, expressavam as diversas facetas da alma do povo, não morreram.

Os músicos da Banda Maravilha, nomeadamente Moreira (baixo) e Marito (bateria), são dos poucos que conseguem sobreviver da música. Conjugam profissionalismo, eclectismo e versatilidade. Acompanham veteranos do *semba* (Carlos Lamartine, Lourdes Van Dunem), e cantores de estilos diferentes (Paulo Flores,



Mito Gaspar). O repertório da Banda inclui sembas, cadenciados por uma onda atlântica, e outras músicas luandenses como rebitas e kazu-kutas. O percurso do guitarrista Carlitos Vieira Dias confunde-se com o mais genuíno da música luandense, do Ngola Ritmos aos Merengues, passando pelos grandes conjuntos dos anos 70. Na viola sintetiza com muito talento heranças de grandes guitarristas, o pai Liceu Vieira Dias, e outros históricos como Duia e Zé Kenô. Ele prossegue a recriação do património de raízes populares: sembas, lamentos e outros géneros. Carlos Burity tem sido desde os anos 80 uma das grandes vozes do semba. Sabe rodear-se de excelentes instrumentistas: os baixos Zeca

Terylene e Mogue, os guitarristas Botto Trindade e Betinho Feijó, os percussionistas Joãozinho Morgado e Dalú, assim como os músicos da Banda Maravilha e do Semba Master's. Nos seus últimos discos *Massembe* (1997) e *Uanga* (1998), as suas fontes de inspiração continuam a ser luandenses mas incluem também as culturas bakongo e umbundu. A concepção musical, que conjuga virtuosismo e modernidade, projecta temas populares para as plateias do mundo.

O talento, a personalidade e a longa carreira de Lourdes Van Dunem sublinham o pequeno número de vozes femininas de Angola, à diferença de Cabo Verde e de outros países africanos. Na jovem geração as Gingas e Nani têm-se imposto

Carlitos Vieira Dias. Fotografia de Pedro Campelo.

pela sua energia artística que brilha em palco, e pelas suas capacidades vocais que lhes permitem interpretar estilos muito diversos. Nina Alexandre tem um repertório moderno original, inspirado no património bakongo do norte do país.

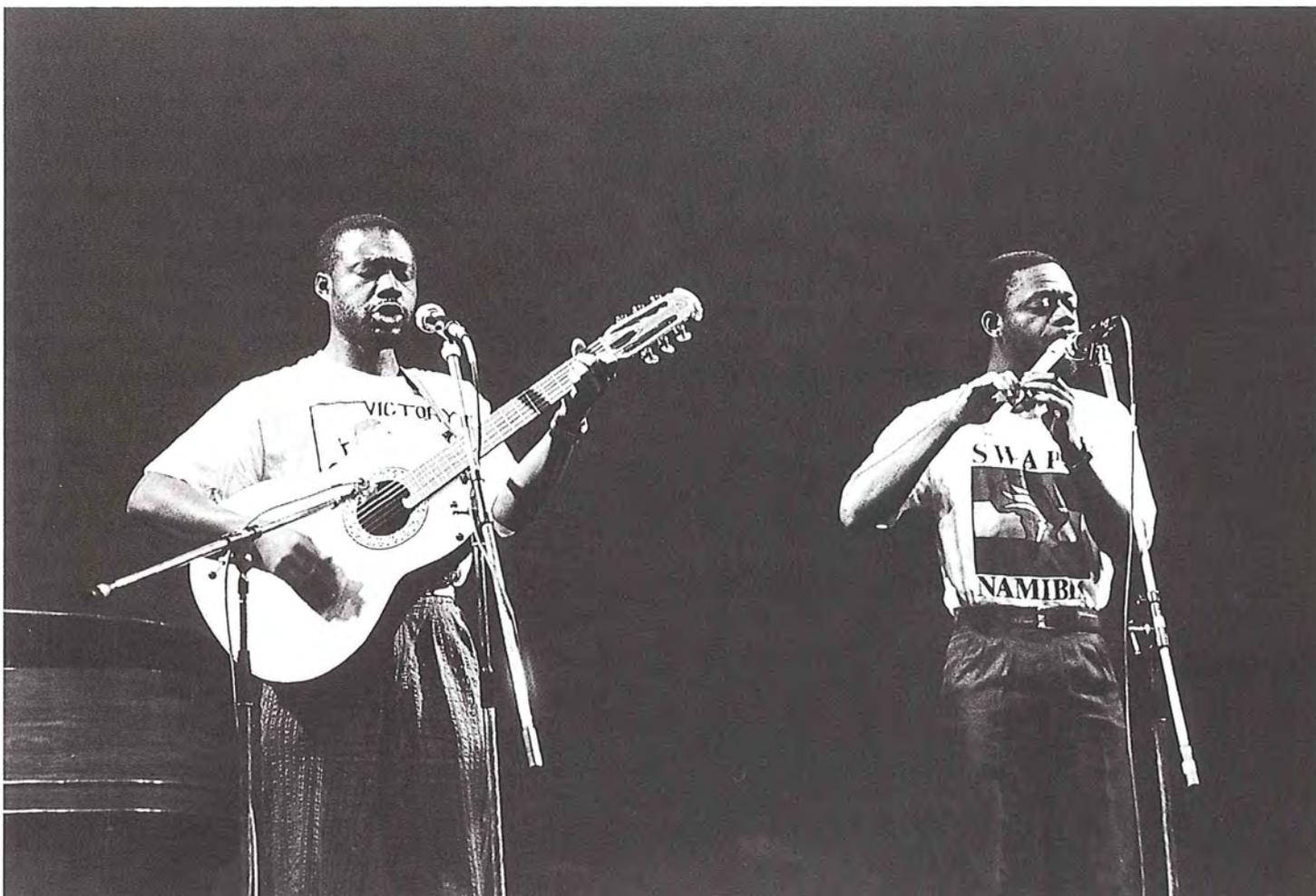
Há algum tempo que a hegemonia do semba de Luanda é disputada por outros géneros. A paisagem musical, devastada pela guerra que atinge todos, é paradoxalmente diversificada. As centenas de milhares de refugiados trazem as suas danças e tradições para a periferia da capital. Na Rádio Nacional de Angola gravam artistas regionais como Joaquim Viola, Ndengues do Kota Duro e outros. José e Moisés Kafala estão entre os artistas de talento que têm proposto uma renovação musical enraizada nas tradições regionais. Adaptaram o *nhatcho*, música do sul, e também o *kilapanga* para vozes, viola e flauta, com um som genuíno que os identifica imediatamente. Em umbundu, kimbundu e por-

tuguês, contam as violências das guerras e os sofrimentos do povo. O seu canto, que expressa intensa espiritualidade e profunda convicção, tem seduzido as plateias europeias e africanas. Mito Gaspar cresceu na cultura kimbundu de Malange. Inspira-se nas celebrações musicais –*dikanzas, dizandas* –, nas melodias das *mar-rimbas* e dos *kissanges*, nos adágios e provérbios da tradição oral. Recria na poética kimbundu os mitos do inconsciente colectivo. «*A poesia é a alma da música*». As suas composições, com base em *mbuenzenas, nhatchos* e *kilapangas*, são singulares e podem transpor fronteiras.

«*Com a esperança que vi estampada nos olhos daquela criança / vou pedir à minha gente p'ra me acompanhar nesta serenata / explorador dos oprimidos, fora! / e os corrompidos, fora! / o patife que desvia, fora! / vou cantar pelo kota que bazou p'ra longe e mantém a esperança antiga de voltar...*». Paulo Flores, que no início dos anos 90

Carlos Burity.  
Fotografia de Ariel de Bigault.





conheceu imensos sucessos em Luanda e Lisboa, vem-se afirmando como um cantautor de personalidade e talento singulares. No seu último CD *Perto do fim*, as letras reflectem o quotidiano e os sentimentos dos angolanos, soltando palavras caladas no fundo da garganta e expressando ainda a esperança. As composições reencontram o semba com uma instrumentação elaborada. O público de Luanda gostou muito.

Em Lisboa a comunidade angolana é muito numerosa. Muitos músicos tocam em restau-

rantes e discotecas. 70% da produção discográfica é gravada em Lisboa. A maior parte é financiada pelos artistas e editada por pequenas etiquetas angolanas. O seu público é maioritariamente de origem africana. Bonga é excepção. Ele é há quase trinta anos a voz mais projectada internacionalmente, tendo conquistado em Portugal um espaço singular, como poucos artistas africanos. Filipe Mukenga e Waldemar Bastos estavam entre os músicos de talento que nos anos 80 propuseram uma renovação musical.

José e Moisés Kafala.  
Fotografia de Caroline Rees.

Nem um nem outro conseguiram um sucesso público em Portugal. Mas *Preta Luz*, de Waldemar Bastos, produzido pela editora de David Byrne, foi muito bem recebido na Europa e nos Estados Unidos. E Filipe Mukenga tem sido um dos embaixadores da lusofonia, na orquestra dos Sons da Fala e no Brasil. Semba Master's costuma acompanhar Bonga assim como muitos artistas angolanos. O grupo, liderado pelo baterista e cantor Lito Graça, propõe um repertório diverso, cujas letras expressam com ginga, gíria, sotaque e humor a vivência popular. O saxofonista Nanuto (Afrika produções) impôs-se, pela afinação criativa de diversos estilos atlânticos, no coração da lusofonia. Muitos são os instrumentistas de talento, experiência e profissionalismo (Galiano Neto, Betinho Feijó e outros) que

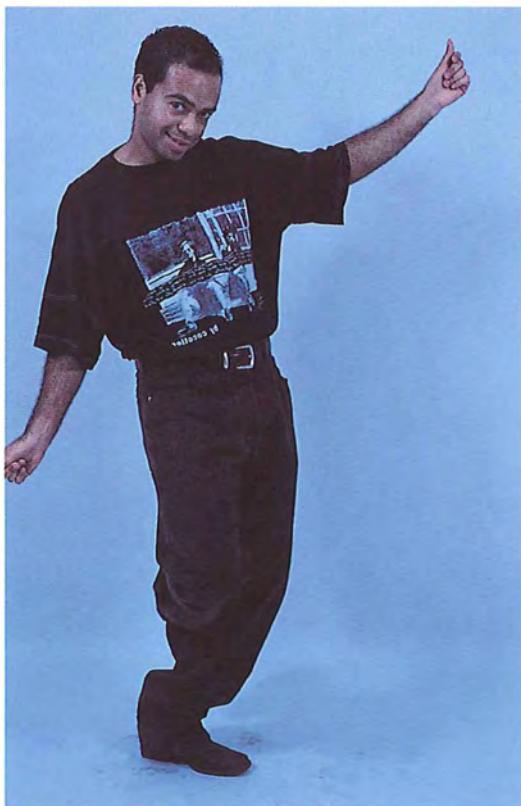
tocam estilos diversos e são incontornáveis nas gravações.

O mercado da música angolana de qualidade é ainda reduzido: em Luanda muitos jovens consomem um som de *plástico*, desbotado e descartável; em Lisboa, os grupos vêem-se obrigados a tocar para animar o baile. Mas os músicos não desistem de reinventar a pluralidade angolana, e de expressar a ânsia de vida para além da sobrevivência. Na paisagem desoladora as músicas resistem. Têm história e identidade, expressam a alma de um povo, e dizem ao mundo a realidade africana cujas contradições estão ao rubro em Angola. Para conquistar novos públicos, os intérpretes, instrumentistas, criadores e compositores de música angolana de qualidade precisam de condições de produção em sintonia com o nível internacional.

Será que a história se repete? É em França que parece surgir interesse pelas músicas de Angola. Bonga encontra-se neste momento em Paris, gravando com os músicos do Semba Master's o seu novo disco, produzido por Lusáfrica. Lando, angolano de Paris, sobrinho do grande compositor Teta Lando, editou na etiqueta Sankara da Universal. Lulendo, também exilado em Paris há muitos anos, prepara um disco que alia as suas raízes bakongos e fusões afro-latinas. Mélo die lançará em breve uma compilação dos CDs *Massembe* e *Uanga*, de Carlos Burity, e também *Perto do Fim* de Paulo Flores. *Salipo* de José e Moises Kafala é distribuído pela Iris Musique.

A música brasileira não projectou a lusofonia no mercado mundial que conquistou com tantos talentos. Na senda de Cesária, parece que cabe aos músicos dos países africanos de língua portuguesa reconquistar o seu espaço legítimo no coração das músicas do mundo. O seu sucesso poderá dar força à Lusofonia se as entidades públicas e privadas, as estruturas estatais e comerciais participarem nele.

Paulo Flores.



A ilha te fala  
de rosas bravias  
com pétalas  
de abandono e medo.

No fundo da sombra  
bebendo por conchas  
de vermelha espuma  
que mundos de gentes  
por entre cortinas  
espessas de dor.

Oh!, a tarde clara  
deste fim de Inverno!  
Só com horas azuis  
no fundo do casulo,  
e agora a ilha,  
a linha bravia das rosas  
e a grande baba negra  
e mortal das cobras.



# A Ilha

*Maria Manuela Margarido*